

O IMAGINÁRIO MEDIEVAL E A CRENÇA NA CURA DAS ESCRÓFULAS: FRANÇA, REINADO DE LUÍS IX (1226-1270)

THE MEDIEVAL IMAGERY AND THE BELIEF IN THE CURE OF SCROFULAS: FRANCE, REIGN OF LOUIS IX (1226-1270)

EL IMAGINARIO MEDIEVAL Y LA CREENCIA EN LA CURACIÓN DE LAS ESCROFULAS: FRANCIA, REINADO DE LUIS IX (1226-1270)

Juliane Cristine Dias de Barros Jankowski¹

Alexandra Ferreira Martins Ribeiro²

Vanessa Iansen Rodrigues³

Adriana Mocelim⁴

Resumo: O artigo buscou analisar o que levava as pessoas a crerem na cura das escrófulas por meio do Toque Régio no Reinado de Luís IX, na França, nos anos de 1226 a 1270. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, que contou com os estudos de Bloch (1993) e Le Goff (2014) e analisou o conteúdo da obra *Le Livre des Saintes Paroles et des Bons Faits de Notre Saint Roi Louis*. Pode-se auferir que a ausência de explicações naturais científicas para a cura proporcionava uma explicação vinda do imaginário.

Palavras-chave: História. Imaginário medieval. Escrófula. Luís IX.

97

Abstract: The article sought to analyze what led people to believe in the cure of the scrofulas by means of the Royal Ring in the Reign of Louis IX, in France, in the years from 1226 to 1270. This is a bibliographical and documentary research, counted on the studies of Bloch (1993) and Le Goff (2014) and analyzed the contents of the book *Le Livre des Saintes Paroles et des Bons Faits de Notre Saint Roi Louis*. It can be seen that the absence of natural scientific explanations for healing provided an explanation from the imaginary.

Keywords: History. Medieval imaginary. Scrofula. Louis IX.

Resumen: El artículo buscó analizar lo que llevaba a las personas a creer en la curación de las escrofulas por medio del Toque Régio en el Reinado de Luis IX, en Francia, en los años de 1226 a 1270. Se trata de una investigación bibliográfica y documental, que contó con los mismos los estudios de Bloch (1993) y Le Goff (2014) y analizó el contenido de la obra *Le Libre des Saintes Paroles et des Bons Faits de Notre Saint Roi Louis*. Se puede percibir que la ausencia de explicaciones naturales científicas para la curación proporcionaba una explicación venida del imaginario.

Palabras-clave: Historia. Imaginario medieval. Escrófula. Luis IX.

Envio 30/06/2017

Revisão 23/07/2017

Aceite 22/08/2017

¹ Graduanda em Licenciatura em História. Instituição. PUCPR. jankowskiju@gmail.com

² Mestre em Educação; Bacharel em Administração. PUCPR. alexandrafmribeiro@gmail.com

³ Mestranda em direitos Humanos; Licenciada em História. PUCPR. vanessaiansen@hotmail.com

⁴ Doutora e Mestre em História. PUCPR. drikamocelim@yahoo.com.br

Introdução

A medicina é arte e ciência de evitar, curar ou atenuar e reestabelecer a saúde do corpo (HOLANDA FERREIRA, 2008). Desde o século XII, a medicina medieval dividiu-se em teoria, ciência que permite conhecer as causas da doença, e prática, ciência que “[...] permite conhecer o modo de ação para combater as afecções” (JACQUART, 1985, p. 79). Apresentar a medicina de um determinado período não é apenas descrever os avanços científicos e tecnológicos na cura e na prevenção das principais doenças, mas sim aprofundar-se nas variantes que agiam sobre os saberes e práticas ligadas à sociedade analisada. Considerando a assertiva de que “[...] toda sociedade é um corpo, em cuja composição intervém, sem que seja possível dissociá-los dos fatos econômicos, fatores políticos e fatores mentais” (DUBY, 1999, p. 12), logo, uma simples descrição das práticas médicas e flagelos que atingiram a Alta Idade Média passariam por cima de aspectos importantes do passado, deixando de conciliar “[...] desde a estrutura econômica e social até a experiência e os modos de pensar das pessoas comuns” (BURKE, 2011, p. 338).

Apresentando uma perspectiva antropológica distinta da história clássica da medicina da Alta Idade Média, o olhar desse estudo voltar-se-á à crença no poder de cura das escrúfulas por meio do toque dos reis, rito que nasceu na França por volta do ano mil e na Inglaterra por volta de cem anos depois, também chamado de “milagre régio” (BLOCH, 1993, p. 17). Os reis curavam a escrúfula, doença definida pelo médico Ferreira Filho (2009) como uma lesão ganglionar, uma infecção tuberculosa dos gânglios linfáticos do pescoço, que ulcera e fistula para o exterior, termo que abrange as manifestações externas tanto da tuberculose ganglionar e óssea quanto das sifilíticas, além das provocadas por bactérias e fungos patogênicos. Na França, as pessoas acreditavam que por meio do toque do monarca Luís IX (1226-1270), principal representante do Toque Régio, obtinha-se a cura às escrúfulas em virtude do poder taumatúrgico recebido na sagrada.

O artigo presou pela seguinte questão: o que levava as pessoas a crerem no poder taumatúrgico do Toque Régio? O estudo tem como objetivo específico: analisar o imaginário⁵

⁵ “O imaginário alimenta o homem e o faz agir. É um fenômeno coletivo, social e histórico. Uma história sem imaginário é uma história mutilada. Estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo da sua consciência e da sua evolução histórica” (LE GOFF, 1994, p. 16-17).

medieval, as influências que agiram sobre as práticas sociais, teorias medicinais, suas relações simbólicas em relação à crença do Toque Régio e apresentar características do principal rei taumaturgo da França.

O estudo teve como base a obra de Jean de Joinville, intitulada *Le Livre des Saintes Paroles et des Bons Faits de Notre Saint Roi Louis*. O documento traz representados detalhes da vida de Luís IX. Por meio das palavras e ações do rei, relatadas nesse livro, buscava-se promover ensinamentos. Dessa forma, fica evidente o caráter da obra de gênero medieval peculiar chamado de “espelho de príncipe”, que procurava estabelecer um modelo de realeza. Detentor de caráter privilegiado, tendo estado muito próximo ao rei, ocupando a posição de amigo e confidente, Joinville escreveu a obra entre 1305 a 1309, a pedido de Joana de Navarra (1270-1305), esposa do rei Felipe, o Belo (1285-1314), neto de Luís IX.

Os métodos empregados ao desenvolvimento do tema seguiram as luzes da bibliografia analítica dos medievalistas Marc Bloch, Jacques Le Goff, Georges Duby, Jean Delumeau e Johan Huizinga, que contribuíram à compreensão da sociedade medieval.

A crença no Toque Régio

99

Em cada época, toda sociedade vive tanto no imaginário quanto na percepção do presente real. A sociedade medieval foi profundamente marcada pela Igreja, afirma Le Goff (2013), e repleta de um imaginário inspirado por esse cristianismo e por outras fontes culturais e sociais.

A Igreja Cristã, preocupada em reunir todos numa mesma fé e almejando o ordenamento da sociedade, provocou uma renovação próxima do ano mil, o que promoveu uma sociedade ritualizada, regida por códigos, conjuntos de preconceitos e de preceitos (DUBY, 1999). Esse corpo também sofria influências, além da dominação espiritual que a Igreja desejava exercer sobre o conjunto dos leigos; da dominação econômica, exercida pelos senhores sobre os trabalhadores; e da dominação política, exercida pelos guerreiros sobre os homens desarmados. Em consonante com Le Goff (2013), o próprio rei Luís IX tanto sofreu como exerceu bem essas dominações:

[...] mesmo sendo muito ligado à justiça, foi também um soberano autoritário. Um dos traços excepcionais do personagem é, de fato, a complexidade e complementaridade de suas qualidades. Ele foi mesmo o rei de três funções, definidas pelo bispo Adalbérion de Laon no século XI, na ótica

do pensamento indo-europeu: rei dos *oratores* (clérigos e fiéis que rezam), dos *bellatores* (guerreiros) e dos *laboratores* (trabalhadores), pois, célebre principalmente por sua piedade, ele é também, segundo o ideal do século XIII, um brilhante cavaleiro e, no quadro das instituições monárquicas que muito ajudou a desenvolver, um burocrata bastante ativo (LE GOFF, 2013, p. 240).

No livro de Joinville (1928), é possível perceber a necessidade de uma ampla divulgação de virtudes conferidas a um rei intitulado postumamente como santo. A Figura 1 mostra a miniatura que ilustrava a primeira página do livro, representando o momento de entrega da obra para Joana de Navarra (HUCHET; PERRIN, 2008, p. 15).

Figura 1: Prima página do *Le Livre des Saintes Paroles et des Bons Faits de Notre Saint Roi Louis*



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: Huchet; Perrin, 2008, p. 15.

Nas palavras escritas por Joinville (1928), nota-se que a honra, a simplicidade, a justiça, a caridade e a sabedoria eram virtudes atribuídas ao monarca, intuindo, assim, legalizar esses valores, além de procurar comover e influenciar o leitor. A obra também relata detalhadamente

as vivências do “Cruzado Perfeito”⁶, virtudes dos cavaleiros que foram disseminadas na sociedade, e o espírito dos combates, que invadiu, de maneira simbólica, mas profunda, o universo da alma e da piedade. Assim, a salvação dos homens e das mulheres dependia do resultado de um conflito entre as virtudes e os vícios.

O mundo dos vícios e do pecado era orquestrado pelas agressões do Diabo⁷, que estava solto durante esse período, com grande popularidade, despertando temores no imaginário medieval. A Igreja organizava a luta contra o Diabo e o inferno; exorcismo, orações e purgatório faziam parte desse arsenal de defesa contra satã, “[...] nesse mundo em que o poder tem sempre formas imperiais, satã se torna aquilo que Dante chamará *l' imperador Del regno doloroso*” (LE GOFF, 2007, p. 93) e o homem que cedesse a seu comando teria seu corpo marcado pelo pecado.

O estado do corpo influencia nas atitudes dos homens, principalmente no que diz respeito às emoções e às sensibilidades, variando segundo os meios sociais e segundo as épocas (DUBY, 1971). Nessa perspectiva, o imaginário e os comportamentos mentais ligam-se à saúde. Durante a Idade Média, o corpo em si não existia, ele era as “vestes da alma”⁸, acontecimentos corporais que se vinculavam a um significado espiritual, sendo assim, a medicina era primeiramente uma medicina da alma, que se iniciava pelo corpo, sem nunca reduzir-se apenas a ele, já que “[...] concebia-se a relação entre a alma e o corpo de uma maneira tão estreita e imbricada que a doença era necessariamente uma entidade psicossomática” (LE GOFF; TRUONG, 2014, p. 108). Era relevante colocar a alma em harmonia com Deus e obter assim a remissão dos pecados, o que se dava mediante a confissão e a comunhão que purificava o doente, livrando dos seus pecados, e posicionava sua alma sob a tutela das mãos divinas. Dessa forma, o enfermo era “[...] colocado em situação privilegiada para que a ação terapêutica se exercesse melhor” (LE GOFF, 1985, p. 211).

101

Também se acreditava que o corpo era o instrumento do pecado e as doenças eram no

⁶ “O rei Luís IX da França protagonizaria o papel de ‘cruzado perfeito’ conduzindo as duas últimas Cruzadas” (FERNANDES, 2011, p. 123).

⁷ Le Goff estava cada vez mais convencido de que o imaginário tinha como centro a principal criação do cristianismo na época da longa Idade Média: Satanás. O poder do Diabo “[...] dependia da vontade de Deus, e que os homens e as mulheres desses tempos tinham de fazer a sua salvação no imaginário, muito real para eles, da opção entre o Diabo e o Senhor Deus” (LE GOFF, 1994, p. 27).

⁸ “Corpo, ‘abominável vestido da alma’, como dizia Gregório Magno” (LE GOFF, 1994, p. 26).

homem pecador “[...] a instantaneidade do ataque do mal e o fato de que, rico ou pobre, jovem ou velho, ninguém podia vangloriar-se de a ele escapar” (DELUMEAU, 1989, p. 114). Essa doutrina foi amplamente reproduzida durante toda a Idade Média nos sermões, já que desde a primeira metade do século VI o bispo⁹

Cesário de Arles declamava ao seu auditório num sermão: os esposos incontinentes teriam filhos ‘leprosos ou epiléticos ou até demoníacos, em suma, todos aqueles que são leprosos nascem, em geral, não de homens sábios, que guardam a sua castidade nos dias contrários e nas festividades, mas principalmente dos rústicos que não sabem conter-se’ (LE GOFF, 1994, p. 165-166).

Os modelos monásticos traduziam também a rejeição ao prazer e propunham a busca do aperfeiçoamento espiritual por meio da continência e da abstinência.

O efeito dos sermões era poderoso na cultura medieval, uma vez que o povo ficava sempre comovido pela ameaça estrondosa da punição do pecado e pela descrição dos horrores do inferno. Sabe-se da “[...] influência colossal que os pregadores tinham, mas não podemos sentir a emoção que deles emanava” (HUIZINGA, 2013, p. 312).

Outra ideia reproduzida pela Igreja e difundia pela sociedade em fins da Idade Média foi a imagem do corpo do Cristo, o corpo sofredor. Nesse sentido, o trabalho era visto como uma forma de penitência, de purgar-se dos pecados do corpo. O próprio “São Luís adquiriu a imagem do rei-Cristo, de rei sofredor, pelo sofrimento que impôs ao seu corpo, pelas suas doenças involuntárias e pelas suas práticas ascéticas voluntárias” (LE GOFF, 1994, p. 26).

A Figura 2 mostra uma “[...] página extraída das Grandes crônicas da França de Carlos V, Biblioteca Nacional da França” (LE GOFF, 2013, p. 241). Trata-se de uma ilustração que representa parte da Vida de São Luís, na qual é possível verificar a importância de associar a imagem do rei santo às práticas cristãs desejadas. Dentre as práticas, aparecem seu nascimento abençoado, aprendendo a ler, junto aos pobres, com o monge leproso, recolhendo ossadas e, por último, a flagelação imposta a seu corpo.

⁹ “Os clérigos da Idade Média sempre ligaram a sensibilidade externa à sensibilidade interna. O esforço do cristianismo medieval foi uma enorme empresa de interiorização para além de Santo Agostinho e de Boécio. Para lá do olho e do ouvido exterior há o olho interior e o ouvido interior, e muito mais importante, visto que o que eles percebem a visão divina” (LE GOFF, 1994, p. 17).

Figura 2: Ilustração em uma das páginas das Grandes crônicas, da França, de Carlos V



103

Fonte: Le Goff, 2013, p. 241.

Por toda a Idade Média percorreram as crenças de que as doenças teriam suas origens nos pecados cometidos pelo corpo. A lepra teria a sua origem numa sexualidade culposa, era a mancha da fornicação, cometida na carne, e a carne transmitia o pecado original também aos filhos. Porém, a distância que separava as prescrições da prática era grande, “A forma como o confessor de S. Luís insistia – como prova de santidade – no perfeito respeito (e até no exagero) por Luís IX da continência conjugal mostra-nos que esse respeito era raro” (LE GOFF, 1994, p. 165). Nesse sentido, Delumeau (1989) relata que no caso das epidemias, a sociedade procurava possíveis candidatos para serem acusados dos pecados da coletividade.

O eleito e o doente passavam a ser rejeitados devido a seus sinais exteriores do pecado, eram malditos por Deus e, consequentemente, pelos homens. Essa sociedade cristianizada, fruto dos séculos XI-XII, levada pelo seu novo ideal de labor, era impiedosa “[...] com os que não queriam vergar-se à ordem estabelecida ou que nessa ordem não desejava incluir” (LE GOFF,

1995, p. 76). Havia um desprezo crescente também pelos pobres¹⁰, considerados culpados por sua pobreza e encarados como perigo. Para Duby (1999) e Le Goff (1995), essa sociedade expulsava os ociosos, os quais saiam de forma voluntária ou forçada, e colocava à margem urbana os aleijados, os doentes, os estropiados e os desempregados.

Aproveitando o provérbio árabe citado por Bloch que afirma que “Os homens assemelham-se mais a seu tempo que a seus pais, o que vale também para os grandes homens” (BLOCH, 1993, p. 27) e analisando por esse viés, conclui-se que o próprio São Luís não escapou do pensamento coletivo de sua época em relação a esses excluídos e “[...] depois das devoções, deixados os pobres e os leprosos, legifera friamente nos *Etablissements*: ‘Se alguns nada têm e estão na cidade sem ganhar (isto é, sem trabalhar) e frequentam as tabernas, que a justiça os prenda e lhes pergunte de que vivem. E que os ponha fora da cidade’” (LE GOFF, 1995, p. 78).

É assim que se vê nascer a “[...] ideia de que os pobres, todos os pobres, tanto leprosos como indigentes, deviam viver confinados em locais de segregação” (DUBY, 1999, p. 42-43). As leprosarias deviam estar ‘à distância de uma pedrada da cidade’, a fim de que a ‘caridade fraternal’ pudesse ser exercida. Mas a sociedade medieval tinha necessidade dessas pessoas, afastadas porque “[...] eram perigosos, mas visíveis, pois ela forja, mediante os cuidados que lhes dedica, a sua boa consciência e, ainda mais, projeta e fixa magicamente neles todos os males que de si afasta” (LE GOFF, 1995, p. 76-77). Se esse corpo medieval sofria consequências do seu imaginário, também atuavam sobre ele fatores reais, a deficiência quantitativa e qualitativa dos equilíbrios alimentares provocava deficiências orgânicas graves, agudas (disenterias), crônicas ou congênitas (raquitismo, má-formação, coxalgia, artrose), intoxicações coletivas, tetanizações musculares, visões, lepra, o tracoma, “pestilências”, “langores”, malária (LE GOFF; SCHMIT, 2006). Essas fragilidades atuavam sobre o equilíbrio imunológico e expunham a população às doenças endêmicas, como, por exemplo, a doença das escrófulas¹¹ tuberculoides, que é foco desse estudo.

¹⁰ “A Igreja acolhia provisoriamente alguns deles, o tempo de estadia no hospital era geralmente muito breve, e alimentava outros esporadicamente nos dias de festa. Os outros tinham como únicos recursos a mendicidade e a vadiagem. Pobre, doente, vagabundo eram quase sinônimos na Idade Média” (LE GOFF, 1995, p. 82).

¹¹ “Com os termos *écroulles* ou, mais frequentemente, *scrofule*, que é apenas uma forma erudita do primeiro (os dois, tanto o popular quanto o erudito, derivam do latim *scrofula*). Todas as afecções eram

Complementando, Bloch (1993) e Gordon (1996) relatam que os médicos da Idade Média também classificavam como escrofuloso a maioria dos casos das inflamações ganglionares de origem tuberculosa. Porém a linguagem vulgar cometia alguns equívocos entre escrófulas e diversas afecções da face ou mesmo dos olhos, pois quando a doença desenvolve-se sem tratamento, produz supurações e o rosto é atingido com facilidade. A doença é comum mesmo no século XX, “[...] que aconteceria outrora, quando as condições de higiene eram nitidamente inferiores às nossas? A doença raramente é fatal; mas, sobretudo quando não recebe cuidados adequados, ela incomoda e desfigura” (BLOCH, 1993, p. 51-52). O horror e a repugnância pela escrófula aparecem em diversas narrativas da época, já que “[...] a face corrompia-se, as chagas produziam um odor fétido” (BLOCH, 1993, p. 52), como pode ser visto na citação a seguir:

[...] um menino de cerca de 8 anos, mortificado por um tumor, do tamanho de um ovo de gansa, sob a orelha esquerda. (...) Quando o cortejo chega, a mulher pede aos que conduzem os dois cavalos que carregam a urna¹² com os ossos de São Luís, a cuja passagem todos se ajoelham, que parem para que o menino possa tocar a urna com a parte doente de seu corpo. Um dos condutores carrega suavemente o menino e faz com que toque a urna com aquela protuberância. O inchaço logo rebenta, muita “imundice” sai dele e corre sobre o peito e as roupas do menino que não mostra nenhum sinal de dor (SAINT-PATHUS, 1931, p. 171-174).

105

Além do inconveniente pessoal, tratava-se de uma doença bem visível para aquela sociedade seletiva, que considerava as doenças uma agressão das forças do mal, então não é de se espantar que os doentes aspirassem pela cura e recorressem a todas as medidas disponíveis. Em consonante com Le Goff (1985), a ausência de alternativas científicas e uma sociedade profundamente cristianizada durante a Alta Idade Média levava as pessoas a depositarem todas suas esperanças no fervor religioso, com o intuito de livrar-se daquelas afecções, dirigindo-se de “[...] bom grado aos tocados pela graça divina, vivos ou mortos” (LE GOFF; SCHMITT,

uniformemente chamadas *écroulles*, em francês, e *scrofula* ou *strumae*, em latim; de modo geral, as duas palavras latinas eram consideradas sinônimas” (BLOCH, 1993, p. 51).

¹² “Para implorar a interseção póstuma de um santo, o contato estabelecia-se por intermédio das relíquias presentes em um relicário em torno do qual os peregrinos andavam em suplicante procissão antes de aproximar-se mais, ou de passar embaixo dele a fim de aproveitar de sua emanação benéfica (*virtus*)” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 205).

2006, p. 157), na qual “o mágico¹³” interagia plenamente com o “religioso”. Se as doenças eram uma punição do pecado e agiam no imaginário da época, somente a intervenção sagrada poderia saná-las. Os monges e religiosos, conscientes desse sucesso, apelavam junto às manifestações sensíveis do sobrenatural cada vez que os interesses coletivos ou as crenças fundamentais estavam envolvidas.

A necessidade de materializar a divindade atingia também os reis, conforme afirma Fernandes (2011), talvez em momentos de dúvida e necessitando de provas do mundo espiritual. O rei Luís IX talvez tenha passado por dúvidas e questionamentos em relação a sua fé e se não passou foi usado seu nome para legitimar a vontade de Joinville (1928) de persuadir o leitor a não duvidar. O senescal relata um dos conselhos do monarca de como resistir à tentação de duvidar em qualquer ponto da fé cristã. Reiterando Le Goff e Schmitt (2006), no cristianismo medieval, também existiram dúvidas e questionamentos, já que por diversas vezes manifestava-se que a fé medieval não era tão sólida.

Por meio do milagre régio da cura das escrófulas, poder concebido por meio da Igreja ao monarca francês na hora da sagrada e na unção, estabelecia-se o contato direto do rei ao sobrenatural e consequentemente do curado com esse abençoado na terra, ou seja, era o elo entre o real e o sobrenatural, era uma representação concreta para qualquer dúvida em relação à fé cristã.

106

A Igreja situava-se personificada no rito da sagrada do rei, por meio do arcebispo de Reims e pelos bispos sufragâmeos que o cercavam, que era quem legitimava o poder. Porém, nas sessões de toque das escrófulas, o próprio rei era autossuficiente no ritual (BLOCH, 1993) e a cura dava-se pela imposição das mãos dos reis, por meio de cerimônias organizadas em dias estipulados, fazendo a função régia ter certo grau de misticismo, além de proporcionar ao monarca um poder dominante.

Partindo da análise de Bloch (1993), com esse vínculo entre o poder taumatúrgico e a sagrada, mais precisamente a unção, o rei passava a ter poderes divinos na terra e exprimia à

¹³ “O mundo oculto era um mundo sagrado e o pensamento simbólico era a forma elaborada, decantada do pensamento mágico em que mergulhava a mentalidade comum. Os amuletos, filtros, fórmulas mágicas, cujo uso e comércio estavam muito espalhados, eram os aspectos mais grosseiros de tais crenças e práticas. Mas as relíquias, os sacramentos e as orações, para a massa, eram os seus equivalentes autorizados” (LE GOFF, 1995, p. 94).

sociedade terrena a imagem dos dois gládios, temporal e espiritual, o poder real e poder pontifical, impondo à sociedade uma imagem destinada a separar nitidamente os “[...] clérigos dos leigos e a estabelecer entre eles uma hierarquia, pois o gládio espiritual é superior ao gládio temporal” (LE GOFF, 1994, p. 13-14).

Em geral, aqueles que recuperavam a saúde não se encontravam em estado desesperador e a maioria dos fatos alegados como milagre pode ser explicada cientificamente, pois as escrófulas eram “[...] suscetíveis de curas espontâneas, ou pelo menos de melhorias que podiam ser espetaculares, e sempre duráveis” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 203). Porém, Bloch (1993) enfatiza que para a sociedade da Alta Idade Média, o milagre¹⁴ da cura era real, existia, acreditava-se nele. Todo ritual é composto por gestos, fórmulas, insígnias, símbolos, ritos, todo o arsenal das convenções expressivas penetram nas representações mentais e confrontam-se com a realidade, de acordo com Duby (1971). Nesse sentido, os milagres da cura pelo toque eram numerosos e edificantes, e de grande eficiência pastoral, e a visualização do milagre era uma forma de materializar o sagrado.

Dessa forma, a sociedade acreditava na cura por meio do milagre do Toque Régio. Esse poder taumatúrgico, apontado em Le Goff (2014), Bloch (1993) e Duby (1992), era reconhecido ao rei da França e acontecia em momentos solenes, que com o toque e “[...] acompanhado de um sinal da cruz, a cristianização de um rito pagão” (LE GOFF, 2014, p. 198), curava quem sofria de escrófula “[...] e São Luís com mais razão pode legitimar o poder taumatúrgico de tocar as escrófulas porque sem dúvida foi o primeiro a ter exercido esse toque de maneira institucional e regular” (LE GOFF, 2014, p. 739).

107

A sagradação e a unção eram feitas com óleo milagroso, legitimado pela Igreja, e a âmbula com óleo milagroso era guardada no mosteiro de Saint-Rémi. O abade levava até a catedral para a sagradação. Duby (1992) aponta que Luís IX regulou as liturgias da sagradação, usando também a unção nos ritos da investidura, para vincular o rei ao cavaleiro. Le Goff (2014) ilustra que parecia haver ligação entre o poder de cura milagroso de São Luís como santo, depois de

¹⁴ “Hoje em dia, um milagre é definido como um fato sobrenatural, não explicado pela razão e contrário às leis naturais. Esta formulação provavelmente não correspondia à ideia que dela fazia a maioria dos homens daquela época. Sobre os fatos miraculosos, ou assim considerados, que acontecem na Idade Média, só conhecemos aquilo que as pessoas que os descreveram quiseram dizer. Ora, a maioria era homens da Igreja propensos, por exemplo, a estabelecer um elo privilegiado entre os milagres e a santidade” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 198).

sua morte, com seu poder taumatúrgico, como rei da França, em vida. A citação de um milagre está relatada em uma publicação de época:

[...] disse sob juramento que quando os ossos do abençoado São Luís, de volta de além-mar, chegassem à França, curariam muitos que tivessem escrófulas e beijassem a urna que trazia os ossos, nas estradas e nas cidades onde parasse o cortejo, e dizia-se comumente que essas pessoas logo foram curadas (SAINT-PATHUS, 1931, p. 171-174).

Fernandes (2011) complementa que as monarquias francesas e inglesas tinham a crença, devido à sagrada, de que os reis, por meio do Toque Régio, curavam as escrófulas. Então Bloch (1993) cita que a monarquia teria uma função religiosa que seria favorecer a ação da Igreja. Nesse sentido, como um traço fundamental da dinastia capetiana, “[...] todo corpo significativo do rei, todas as sedes de forças são cercadas pelo santo crisma, o óleo entregue milagrosamente pelo Espírito Santo ao bispo de Reims, Remígio (Rémi), para o batismo de Clóvis” (LE GOFF, 2014, p. 734). O religioso está presente nos quatro juramentos do rei durante a sagrada:

- 1 – promete primeiro à Igreja protegê-la em suas pessoas e em seus bens;
- 2 – promete em seguida fazer reinar a paz e a justiça – valores com forte conotação religiosa e mesmo escatológica – e, à imitação de Deus, dar prova de misericórdia [um compromisso suplementar, introduzido pelo quarto concílio de Latrão – 1215, consiste em combater os hereges];
- 3 – promete defender a santa fé católica, ser o tutor e o defensor das igrejas e de seus ministros, dirigir e defender o reino que Deus lhe deu segundo a tradição de justiça de seus pais;
- 4 – enfim, depois da coroação e da entronização, o rei faz uma última promessa sintética, *coram Deo, clero et populo* [“diante de Deus, do clero e do povo”] (LE GOFF, 2014, p. 736).

108

A cerimônia, como citada em Le Goff (2014), era um rito de iniciação, no qual além da sagrada, unção com óleo milagroso, o rei recebia as insígnias reais que eram importantes objetos sagrados¹⁵ do rito: “[...] o sinal régio; a âmbula de s. Tomás Becket, a Santa Âmbula de Reims; a pedra de Scone; os leões e os reis; as flores-de-lis (e a auriflama); a comunhão sob as

¹⁵ “Os objetos sobrenaturais vindos do céu e o poder de curar. Esses objetos e esse poder colocam o rei em comunicação direta com Deus, mas o intermediário eclesiástico é (até certo ponto) mantido: a Santa Âmbula foi trazida a s. Remígio; o abade Saint-Rémi é quem a conserva, traz e leva de volta no dia da sagrada; o arcebispo de Reims é quem unge o rei” (BLOCH, 1993, p. 24).

duas espécies; a Santa Lança; a espada; as fórmulas da coroação; o cetro; a coroa; o anel” (BLOCH, 1993, p. 23).

Inserindo um rito que seria utilizado por todos os reinos cristãos do Império no século XIII, Luís IX construiu uma verdadeira religião, na qual se “[...] proclamam a superioridade do rei da França sobre todos os outros reis cristãos: só ele é ungido com um óleo milagroso contido em uma relíquia, é o ‘*rex christianissimus*’, ‘rei cristianíssimo’” (LE GOFF, 2014, p. 200).

Analizando a trifuncionalidade da sociedade, havia interesses convergentes, partindo de estratégias diferenciadas, numa França que pretendia assumir-se como líder no Ocidente. A Igreja se fortalecia com o apoio do rei Luís IX, pois o rei, ao apoiar a Igreja, recebia o apoio da Cristandade e a Cristandade, por sua vez, aceitava o que lhe era proposto desde que suas necessidades físicas e espirituais, da cura do corpo e do contato com o divino, fossem atendidas.

Nesse ciclo, Giordani (1984) sustenta que Luís IX marcou o século XIII, principalmente a França e a Europa Ocidental. Ele era o tipo ideal do rei cristão da Idade Média, pois “[...] soube aliar à profunda piedade cristã a energia e coragem de administrador e de guerreiro e a preocupação pelo bem-estar do próximo, especialmente dos pobres e doentes” (GIORDANI, 1984, p. 155). Em relação aos doentes, Le Goff (2014) menciona que São Luís não os diferencia dos pobres, curava-os por misericórdia. Giordani (1984) especifica que mesmo as feridas sendo as mais repugnantes, São Luís as tratava pessoalmente. O Toque Régio nas escrófulas era algo comum: “[...] todo dia, de manhã, quando tinha ouvido suas missas e voltava para o quarto, mandava chamar seus doentes de escrófulas e os tocava” (SAINT-PATHUS, 1931, p. 99). A caridade também era para Luís IX algo muito importante, como ilustra Durant (1971), já que ele dava esmolas diárias aos pobres, doentes, trabalhadores inválidos, atos esses também relatados em Giordani (1984), que aponta que a caridade cristã de São Luís é pautada em sua fé.

Outra característica muito presente em Luís IX era a justiça. Durant (1971) aponta que foram criadas, no reinado de São Luís, as cortes baronais, com direitos de apelação dos juízes baronais à corte real. Com isso, a França gozava de segurança e prosperidade e fazia seu reinado prosperar também financeiramente, pois até as guerras eram evitadas ao máximo, já que Luís usava de sua diplomacia nas relações exteriores para fazer um governo justo e generoso. “O povo maravilhava-se de que um homem tão bom pudesse ser também um bom rei” (DURANT, 1971, p. 616).

As qualidades *generoso, cristão, bom governante*, entre outras, teriam sido atribuídas a Luís ainda menino, como aponta Giordani (1984), uma vez que a mãe, Branca de Castela, foi regente do reino entre os anos de 1226 a 1235, quando Luís ainda não poderia assumir o trono por sua tenra idade. Le Goff (2014) demonstra, em seu livro, a importância de Branca de Castela em educar um futuro rei, preparando-o para sua função de proteger a Igreja com uma formação religiosa e moral, demonstrando que “[...] poucas vezes foi a França mais bem governada” (DURANT, 1971, p. 615). Luís IX então herda um reino próspero, poderoso e em paz, “[...] trata-se de um herdeiro privilegiado” (LE GOFF, 2014, p. 70).

Quando se fala em São Luís, como mostra Giordani (1984), é importante mencionar a linhagem Capetíngia: de 987 a 1328, quatorze soberanos pertencentes à mesma família e descendentes em linha de Hugo, o Grande, ocupam o trono da França. Até Luís X, a coroa passou de pai para filho, pois as mulheres não poderiam assumir o trono. O Capetíngio no reino escolhia antecipadamente o filho que herdaria o trono, desse modo, de geração em geração, a hereditariedade torna-se um direito público, “[...] a coesão de uma linhagem governada segundo os preceitos de uma moral patriarcal sustentou o crescimento da monarquia ao longo do século XIII” (DUBY, 1992, p. 240).

110

Em 1246, como descreve Fernandes (2011), Paris terminou a construção de um grande monumento gótico, Saint-Chapelle e ali Luís IX depositava suas relíquias adquiridas em vários momentos de sua vida, como o fragmento da Cruz de Cristo e a coroa de espinhos usada por Jesus durante Sua Paixão, [...] “compartilhava com entusiasmo das superstições de seu tempo” (DURANT, 1971, p. 618). Em busca de novas relíquias e do intuito de libertar a Terra Santa, participou de sua primeira Cruzada em 1248, como demonstra Duby (1992), rumo ao Egito, porém foi capturado e só retornou depois do pagamento de um resgate. Retornou irreconhecível e derrotado. Em 1270, partiu para sua segunda Cruzada rumo a Túnis, fraco e enfermo, morrendo assim que chega a seu destino.

Le Goff (2014) relata que em 11 de agosto de 1297, o papa Bonifácio VIII canonizou solenemente Luís IX. Afirma que mesmo após a morte, o santo rei brilharia em seus milagres, assim como resplandecia em vida com seus incontáveis méritos. Sendo assim, São Luís vivo tinha o poder taumatúrgico que com o Toque Régio, tocava e curava as escrófulas, depois de santificado curava várias doenças “[...] para as quais se podia solicitar sua intercessão junto a Deus” (LE GOFF, 2014, p. 752).

Considerações finais

As atitudes dos homens frente às doenças podem apresentar permanências e apesar do avanço dos saberes científicos e de práticas vitoriosas, ainda se encontra a crença arraigada na eficácia da “[...] magia [orações ou ervas] e nos mágicos [bruxas, milagreiros, curandeiros de toda a espécie]” (LE GOFF, 1985, p. 7). Em consonante, o médico Ferreira Filho (2009) diz que no século XXI perpetua a crença popular secular na eficiência da “Imposição das Mão” como recurso terapêutico para os mais variados distúrbios físicos e psíquicos.

Após análise, foi possível perceber o que levava as pessoas a crerem no poder taumatúrgico do Toque Régio. Em uma sociedade que buscava provas materiais – sinais visíveis, tangíveis, aparições, visões do sobrenatural – era aceitável que a cura pelo Toque Régio tenha adquirido grande importância, afinal, os milagres de cura foram numerosos e fortalecedores para o cristianismo. “São Luís vivo curou as escrúfulas tocando-as e, imediatamente depois de sua morte, o caixão de sua ousada na Itália e, depois do enterro em Saint-Denis, seu túmulo curaram os doentes e os inválidos que os tocaram” (LE GOFF, 2014, p. 428). Nesse sentido, como sugere Le Goff e Schmitt (2006), os milagres de cura, com o passar do tempo, não necessitavam mais do toque e começaram a ser substituídos por outros artefatos.

111

No que se refere ao imaginário medieval quanto às escrúfulas e às influências nas práticas sociais e suas relações simbólicas entre a crença do Toque Régio e a cura, após o estudo, pode-se perceber que as doenças purulentas e fétidas excluíam o convívio do sujeito em sociedade. Os milagres de cura poderiam devolver a dignidade ao homem, pois se reestabelecia a integridade do corpo e ele poderia retornar ao contato daqueles que o cercavam, já que seus pecados haviam sido purgados.

No que tange às características do principal rei taumaturgo da França, pode-se apreender que São Luís foi um santo entre a tradição e o moderno. Possuiu uma santidade diferenciada, pois trazia características caridosas e místicas, virtudes que foram representadas em características ligadas à honra, à simplicidade, à bondade, à bravura, à fidelidade, à devoção à Igreja, além de seu atributo de curar as escrúfulas. Foi o último rei santo, uma vez que, depois dele, os monarcas canonizados foram apenas os papas.

Referências

- BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 2011.
- DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DUBY, G. **A Idade Média na França (987-1460)**: de Hugo Capeto a Joana d'Arc. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- _____. **Para uma História das Mentalidades**. Lisboa: Terramar, 1971.
- _____. **Sociedades Medievais**. Lisboa: Terramar, 1999.
- DURANT, W. **A história da civilização IV**: A idade da fé. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- FERNANDES, F. R. Cruzadas na Idade Média. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 99-129.
- FERREIRA FILHO, A. A. A imposição das mãos e o Toque Real. **Revista da Associação Paulista de Medicina**, São Paulo, n. 599, p.4-7, 2009. Disponível em: <<http://www.apm.org.br/revista-apm>>. Acesso em: 15 out. 2014.
-
- GIORDANI, M. C. **História do mundo Feudal I**: Acontecimentos Políticos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- GORDON, R. **A assustadora história da medicina**. Rio de Janeiro: Ediouro S.A, 1996.
- HOLANDA FERREIRA, A. B. de. Medicina. In: _____. **Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2008.
- HUCHET, P.; PERRIN, T. **Sur les pas de Saint Louis**: itinéraires de l'histoire: Quest-France, 2008.
- HUIZINGA, J. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosacnaify, 2013.
- JACQUART, D. A medicina medieval posta à prova. In: LE GOFF, Jacques. **As doenças têm histórias**. Lisboa: Terramar, 1985.
- JOINVILLE, J. S. de. **Le livre des saintes paroles et des bons faits de notre Saint Roi Louis**. Paris: G. Crès Et Cie, [1928].

LE GOFF, J. **As doenças têm histórias.** Lisboa: Terramar, 1985.

_____. **O imaginário medieval.** Portugal: Editorial Estampa, 1994.

_____. **A civilização do ocidente medieval:** Volume 2. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. **As raízes medievais da Europa.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. **Homens e mulheres da Idade Média.** São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

_____. **São Luís: Biografia.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J. **Dicionário temático do ocidente medieval:** volume I. São Paulo: EDUSC, 2006.

_____. **Dicionário temático do ocidente medieval:** volume II. São Paulo: EDUSC, 2006.

LE GOFF, J.; TRUONG, N. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SAINT-PATHUS, G. **La vie et les miracles de Saint Louis.** Paris: Percival B. Fay, [1931].